



# PAINEL CIENTÍFICO DE ACOMPANHAMENTO DA CRISE

**Contribuição do economista e cineasta Sr. Joel Sánchez Sandino ao**

**III Painel Científico de Acompanhamento da Crise**

29 de maio de 2020

---

## **CULTURA, HEGEMONIA E COVID 19**

A indústria cinematográfica chegou a uma paralisação quase completa. Plataformas de streaming como o Netflix adicionaram milhões de novos usuários. Já foram vistos concertos online de alguns artistas de renome (Fito Páez, por exemplo).

Mas é claro que a cultura não é apenas arte. Nos mataria Gramsci se disséssemos isso. A cultura é, segundo o pensador sardo, “história, ou melhor, é história feita, fruto da vida do homem e é, ao mesmo tempo, a forma de ser do homem na realidade histórica”. E para o pensador, os humanos como um todo são criadores de cultura. Uma distinção “profissional” é feita entre eles e o papel dos intelectuais como geradores de cultura organizada, uma cultura organizada que determina o comportamento social das classes e cria dominação ao impor uma “forma de entender a realidade” criada pelas elites.

E a cultura em tempos de pandemia? Bem, não muito e muito ao mesmo tempo. Conceitos absolutos foram impostos pouco a pouco, com base em uma ideia lógica: cuide de COVID 19. A ideia de ficar em casa é tão óbvia que parece o tema central e da esquerda ou da direita. Esta questão cercou as discussões e a implantação de discursos a favor e contra que partem de premissas sempre elitistas. Vamos ver se eu explico.

Há uma maioria a favor da ideia de ficar em casa. E é impressionante a quantidade de pontos de vista diferentes que estão se unindo, como o novo campeão da ultradireita, Nayib Bukele, ou a oposição progressista em vários países. Mas a mesma coisa acontece ao contrário. O governo nicaraguense decidiu aumentar as medidas de acordo com o comportamento da pandemia e até o momento se opõe a declarar a quarentena, oposição que foi levantada por outro dos campeões da ala ultradireita, Jair Bolsonaro, ou pelo governo da Suécia.

Na Nicarágua, que é a minha realidade e a que melhor posso falar, o fenômeno da luta pelo controle hegemônico é colocado duramente através das redes sociais e da mídia. A oposição, claramente à direita, tem se dedicado a implantar o terror através de notícias falsas e da perseguição de quem enterra uma pessoa morta para apresentá-la como tendo morrido da doença e acusar o governo de não agir. Por outro lado, o governo nicaraguense mantém uma política de comunicação baseada em recomendações de saúde em nível familiar e pessoal e em relatórios que não são suficientemente claros para entender a dimensão da pandemia no país. Aqui eu devo esclarecer algo, eu sou da posição de considerar reais os números do Ministério da Saúde que indicam um baixo mas crescente nível de infecções.

Duas coisas são claras para mim: há pouca informação sobre a eficácia ou não de algumas medidas frente a outras. Em comparação, El Salvador está perto de 1.500 casos, a Nicarágua tem pouco mais de 250. Também não posso saber o que a oposição teria dito se o governo nicaraguense tivesse tomado as medidas que agora estão pregando. Provavelmente o discurso da ditadura que suprime as liberdades seria o seu estandarte.

Se tivéssemos que definir o comportamento dos intelectuais neste momento, eu diria que há um confronto para o controle político da emergência sanitária e o medo dessa emergência. Há muito pouca discussão sobre os efeitos sociais a médio e longo prazo.

Uma frase tornou-se infame na Nicarágua, após a tentativa de golpe de estado. Foi na primeira tentativa de diálogo, onde um dos mais nefastos proprietários de terras e um membro da diretoria da organização patronal disse: “não estamos aqui para falar de economia” no contexto do apelo do governo nicaraguense pelo fim dos bloqueios. Essa frase tem relevância atual, já que o

governo nicaraguense usa a economia como um dos fatores determinantes na tomada de decisões sobre a emergência. Na Nicarágua, 80% dos alimentos que consumimos são produzidos no país por pequenos produtores e a suspensão de toda a atividade, somada às sanções ilegais impostas pelos Estados Unidos e Europa, seria a tempestade perfeita para uma crise incontrollável. E já estamos lidando com uma crise resultante dessa tentativa de golpe em 2018.

Assim, a discussão sobre a COVID 19, que deveria ser científica (em todas as áreas relevantes), é na realidade uma discussão sobre controle do discurso, é política, é de dominação cultural. Os suecos entendem melhor que se a maioria das pessoas estiver infectada, há uma visão pragmática da situação. Bukele e os salvadorenos, por outro lado, apelam para o drama mais absoluto para restringir ilegalmente as liberdades públicas. Bolsonaro acredita que é apenas uma gripezinha. Em meio a tudo isso estão os reprodutores culturais, onde uma espécie de senso comum é gerado e serve para o controle social.

Na Nicarágua ainda falta ver quem vence o embate. O governo é acusado de nada fazer, mas é difícil saber o que isso significa, se existe um sistema de saúde pública funcional, temos leitos especiais, controles de casa em casa, ventiladores, dias de desinfecção, campanhas de comunicação. Para a oposição não acho que a declaração de quarentena seja tão importante, como eu lhes disse, se a tivéssemos declarado haveria uma campanha contra a violação de liberdades. Assim, na Nicarágua é uma luta para controlar a animosidade popular que não nasce com a pandemia, mas em 2018 com a tentativa de golpe, ou melhor, desde que a Frente Sandinista é o governo.

Finalmente, que acontece com a arte dentro da cultura, já que aqueles que criam independentemente se veem com dificuldades. Não há cinemas, nem concertos, nem festivais populares. A Netflix está se tornando milionária (ainda mais do que é). Milhões de pessoas são expostas e quase obrigadas a assistir à mídia hegemônica, o que presumo (na Nicarágua acontece), cria um estado de histeria coletiva e angústia que veremos o impacto a longo prazo (na Nicarágua ninguém mais pode morrer de ataque cardíaco porque a família sofre bullying). O Tik Tok, essa rede social que ainda não consigo explicar, tem somado milhões de assinantes e a superexposição em redes é ainda mais agressiva. A palavra solidariedade é esquecida porque entendemos o outro como uma possível fonte de contágio (não é mais apenas o mercado de trabalho que faz você ver o

seu igual como um inimigo). Há uma romantização do recinto que acho desagradável, no outro dia vi um anúncio onde um cara com uma piscina te diz que você tem que se exercitar. Não vejo ninguém realmente se perguntando, de forma integral, o que acontece nos bairros populares, nas comunidades rurais, nos assentamentos, não só no plano econômico, mas também nos efeitos do confinamento, somamos os três tipos de alienação e colocamos por dois meses no mesmo espaço físico.

A cultura é o espaço onde a hegemonia da elite é plantada. É controlada por empórios de comunicação e milhões de entidades reprodutivas que pagam para tornar a pandemia imensurável para que ela seja funcional até os seus fins de poder. No nível do que estamos falando, a pandemia é mais uma ferramenta hegemônica. Se alguém tem um estudo comparativo sobre a qualidade dos serviços de saúde e comportamento pandêmico eu gostaria de tê-lo, pois não o encontrei, embora não seja muito difícil elucidar a correlação que existe. Mas isso não é um tema de discussão, porque a discussão é se você tem ou não que ficar em casa, se é bom ou não colocar uma pessoa na cadeia que está cansada de estar presa, ou os números.

Eu não quero ser confundido com um negacionista ou qualquer coisa tipo. Entendo a escala da pandemia, tenho um pai que é epidemiologista, por isso as conversas com ele pode ajudar. Eu uso uma máscara em espaços públicos e lavo as mãos tantas vezes que já desenvolvi uma alergia ao sabonete. O meu ponto é que a abordagem cultural da pandemia está muito distante das discussões relevantes. Qual é a posição dos movimentos populares? Parece tão diversa, como em tudo, e eu noto pouca frente comum. Como intelectuais do acampamento popular acho que devemos ir a fundo neste momento histórico e lembrar que o mundo não é apenas a COVID 19, que os Estados Unidos estão considerando atacar à Venezuela, a ideia é matar de fome na Nicarágua e explorar qualquer coisa para causar uma mudança de regime, apenas para dar exemplos. E qual deve ser a nossa abordagem com as pessoas comuns, em relação à pandemia, mas também os interesses dela.